

# PROGRAMA ICONOGRÁFICO PARA UMA IGREJA CATÓLICA



Vision of the New Jerusalem coming down from heaven, from the Bamberg Apocalypse, c. 1000–20; in the Bamberg State Library, Germany (MS. 140)

## A iconografia é um itinerário salvífico

*“Para nós, é por meio de imagens sensíveis que nos elevamos, o quanto podemos, até as contemplações divinas.”*

*Pseudo-Dionísio o Areopagita<sup>1</sup>, pg. 204*

*“... os símbolos sagrados são, na verdade, os sinais sensíveis dos mistérios inteligíveis; eles mostram o caminho e conduzem até eles,”*

*Pseudo-Dionísio o Areopagita, pg 214*

Conceber um programa iconográfico para uma igreja não é tarefa simples, nem mesmo uma tarefa que se possa comparar a uma decoração. A composição iconográfica de uma igreja católica deve ser um caminho de purificação, de iluminação, com uma meta: a comunhão plena com Jesus. Dito em outras palavras, não se escolhem elementos iconográficos para figurar uma igreja, simplesmente porque são bonitos, mas eles devem estar a serviço de uma liturgia, de uma teologia e de uma mística. Devemos conceber a iconografia como um caminho de salvação. Esse é o fundamento sobre o qual se baseia o projeto artístico iconográfico. Não há nada de mais impróprio para iconografia do que a busca da beleza ostensiva e do sofisticado. A palavra sofisticado tem como raiz o termo grego sofisma, que corresponde a raciocínio falso em português.

Este caminho, se adequadamente planejado, deverá levar uma pessoa a entrar em sintonia com o sagrado, até a tingir a comunhão plena, a experiência do Uno. Esse caminho deve levar a pessoa à plena liberdade. Deve levar a pessoa deixar todo e qualquer apego terreno e às coisas contingentes deste mundo ilusório e insatisfatório, abraçando as coisas realmente essenciais e eternas, que são de fato a meta última da existência humana. Esse caminho tem como objetivo transcender o homem, e como centro a transformação do seu coração.

Por analogia, a iconografia da igreja deve emparedar o homem com o dilema máximo de sua existência, s seu autoconhecimento, como oráculo de Delfos: "conhece-te a ti próprio" (... γνωθι σεαυτον); ou como o enigma da esfinge proposto na tragédia de Sófocles *Édipo Rei*: "Decifra-me ou devoro-te."

Quando o homem descobre dentro de si uma sede espiritual, uma tendência para o transcendente, ele se faz religioso. Religião tem como raiz religar, ligar novamente, o caminho iconográfico é uma estrada para o céu. É um veículo de união harmônico entre o céu e a terra. O programa iconográfico deve conduzir o homem para fora do seu próprio eu, libertando-o para a grande experiência da união. É um método de contemplação e um meio de revelar as profundezas do mistério pascal.

---

<sup>1</sup> Todas as citações de Pseudo-Dionísio, foram tiradas de PSEUDO-DIONÍSIO, o Aeropagita, *Obra Completa*. São Paulo, Paulus, 2004.

A iconografia de uma igreja católica deve ser um caminho de comunhão. Não é à-toa que o sacramento central de toda a liturgia católica é chamado também de Comunhão. A situação de pecado levou o homem à dispersão, à divisão. Através de Jesus o homem é novamente reconduzido a unidade. Assim a iconografia tem que ser um programa capaz de apresentar de modo simbólico esta caminhada de salvação até a deificação do homem. Deus nos formou pela sua bondade, à sua imagem sobre o modelo de Beleza e nos deu parte das propriedades divinas.

Devemos conceber um programa iconográfico para uma igreja que responda a própria índole da Igreja. A igreja de pedra deve ser retrato vivo e fiel da Igreja Corpo Místico de Jesus Cristo, da Igreja Sacramento salvífico de Jesus. É por isso que a composição iconográfica deve ser concebida com um itinerário de Salvação.

O projeto iconográfico de uma igreja deve ser um convite a contemplação, que só é conseguida graças a uma união perfeita e deificadora, o quanto é possível à natureza humana. A participação na essência divina direta só possível para os anjos e os bem aventurados, para nós mortais só pe possível pela mediação simbólica. A deificação<sup>2</sup> do homem é feita através da contemplação das verdades, pelo caminho do ascese e do despojamento.

O iconógrafo é aquele que tem o dom de revelar os segredos e os mistérios divinos. O objetivo é levar o homem à comunhão, à união com Deus perdida pelo pecado original. A produção iconográfica deve levar à regeneração.

Por falar em caminho, Jesus é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), e ninguém vai ao Pai senão por ele. O caminho de Jesus se concretiza através do Mistério da Encarnação. Jesus através de sua Encarnação nos concede a graça de sermos membros de seu corpo e a participar de sua própria beleza. É bom notar aqui que o mistério da Encarnação não significa simplesmente um voltar atrás, como um retorno à inocência e a pureza adâmica. Deus não vai mais reintroduzir o homem no paraíso perdido do Éden, onde o homem era apenas feito a sua imagem. Em Jesus, Deus vai nos levar infinitivamente para frente e para o alto. Deus, através de Jesus, nós dá a sua natureza divina. Jesus transfigura a carne humana e deifica o homem. Já não somos chamados a ser mera imagem, mas a participar da natureza divina. Imagem é sempre algo inferior. De imagens, por Jesus somos elevados à categoria de membros do seu Corpo.

## **A concepção da beleza medieval e sua contribuição**

O belo é uma prerrogativa divina. O homem é atraído como um imã para o amoroso desejo do belo. A Idade Média desenvolveu uma teoria estética cristã, até hoje não superada, onde juntou o que de melhor existia na filosofia neoplatônica com a teologia da Sagrada Escritura. Assim a beleza vai ser a harmonia entre três categorias: o bom, o verdadeiro e o uno.

---

<sup>2</sup> A fundamentação bíblica dos Padres orientais está em 2Pd 1,4

Mas como todo universo é obra da criação divina, ele participa também desta beleza. Assim a beleza se manifesta na criação e nas obras humanas pela confluência de três elementos: o verdadeiro, o bom e o unitário (completo). Se faltar um desses três elementos a beleza será enganosa idolátrica e demoníaca. Por isso não deverá haver nenhum elemento perturbador, como a sensualidade e o exibicionismo, narcisismo do artista. A essência da beleza não está no requinte e no luxo mundano, mas na simplicidade e na pureza, na autenticidade, pois Deus é simples, é uno e não múltiplo. É por isso que se deve não só evitar o faustoso, mas também o artificial e inautêntico.

É um tanto difícil para nós, modernos, marcados pela mentalidade secularizada e materialista de hoje penetrarmos no pensamento medieval. Para o homem medieval todo mundo material não passava de símbolo de outra realidade, o mundo espiritual. O mundo material era contingente limitado e imperfeito, o mundo celestial é que era permanente, infinito e perfeito. A terra era um espelho onde se refletia o céu. O mundo material não era real, o real era o mundo espiritual. A catedral gótica foi a expressão máxima deste pensamento.

### **O templo de Salomão como protótipo**

Até hoje, quando visitamos uma igreja antiga, paleocristã, bizantina, românica ou gótica, somos tocados e provocados pela sua iconografia, mas da onde vem o seu segredo? É esse segredo que devemos buscar para executarmos adequadamente um projeto iconográfico para uma igreja. Não se trata de imitar o passado, mas de descobrir os seus valores. Vamos ver que esse segredo não tem nada de fantástico, mas apenas é fruto de uma mente contemplativa, onde a meditação da Sagrada Escritura foi determinante. Foi dito que o projeto iconográfico é um caminho, pois bem um caminho tem uma estrutura básica de três momentos: partida, viagem e chegada. A partida é um deixar para trás, é um desalojamento, uma renúncia. A viagem é percorrer com perseverança a direção correta. A chegada é a meta atingida.

Os antigos foram buscar inspiração no Templo de Jerusalém que também adotou uma divisão tripartida. O Templo de Salomão era de planta arquitetônica muito simples, sendo um edifício quadrangular e oblongo, composto de três partes sucessivas: o *Ulam* é o vestíbulo; o *Hekal*, chamado mais tarde Santo, é a grande sala de culto; o *Debir*, a sala de trás, é a parte mais sagrada, que se chamará Santo dos Santos onde repousa a Arca da Aliança.

O simbolismo do número três associado ao divino é um ponto muito comum em quase todas as culturas, no cristianismo ele é ainda mais acentuado devido à crença na Santíssima Trindade. A Trindade causa única de todos os seres é a essência da beleza. Por isso o número três vai ser muito importante para organizar uma composição iconográfica de uma igreja. Assim o cristianismo adotou também a estrutura tripartida para a arquitetura de seus templos. Essas partes receberam nomes apropriados para sua teologia:

- 1) Átrio, nártex, ou vestíbulo;
- 2) Nave

### 3) Presbitério, abside ou santuário.

#### **Novidade cristã**

O cristianismo inspirou-se no templo de Jerusalém, mas adotou mudanças radicais quanto ao seu uso e sentido. O templo cristão além de ser a casa de Deus passou a ser principalmente a casa do povo de Deus. No Templo de Salomão o povo não podia ir além do átrio. A igreja Cristã avançou um estágio, levou o povo para a parte central, lugar reservado para os sacerdotes. Isso se deve pelo fato de em Jesus, em virtude do Batismo, todo povo de Deus é uma nação santa, um povo sacerdotal e régio (1Pd 2,9).

Outra coisa interessante é notarmos a estrutura da Jerusalém Celeste, que aparece no Apocalipse. Ela é construída na forma e proporções do Santo dos Santos do Templo de Salomão. Lembremos que neste local ninguém podia entrar, a não ser o sumo sacerdote, apenas uma vez por ano, na Festa da Expição, levando o sangue do bode do sacrifício para a remissão dos pecados. No Apocalipse todo povo é admitido no santuário, daí a afirmação de que na Nova Jerusalém, não existe templo algum (Ap 21,22). Isso ocorre porque definitivamente todo povo de Deus é admitido no santuário, que simbolicamente significa a comunhão plena com a Trindade, a experiência da unidade e da deificação, o quanto é possível para os seres humanos. Comunhão com os mistérios divinos. Assim simbolicamente a salvação eterna é uma analogia a entrada de todo povo no último recinto do templo.

#### **Riqueza simbólica da divisão em três partes da igreja**

Muitos arquitetos interpretaram mal a exigência da liturgia reformada de não colocar nenhum obstáculo entre o presbitério e nave, tais como balaustrada, grades, mesa de comunhão, como se este elemento devesse se confundir com a nave da igreja. A estrutura milenar da igreja dividida em átrio, nave e presbitério continua a ter seu valor simbólico. O que se exige é distinção e o que se proíbe é a divisão, pois tanto os fiéis como os ministros ordenados participam todos do mesmo e único sacerdócio de Jesus Cristo, mas de forma diferenciada.

Embora possa existir uma incontável gama de formas geométricas para a planta de uma igreja, quadrada, redonda, retangular, cônica, elíptica, etc, se considerarmos a posição do altar, podemos dividir todas essas plantas em apenas dois grupos, igrejas com altar lateral e igrejas com altar central. Aqui queremos dizer centro geográfico de fato, já que ideologicamente o altar deve ser sempre o centro da igreja. Tomemos dois exemplos de geometria mais simples, para facilitar a compreensão do que queremos dizer, a forma quadrangular e forma redonda. De modo técnico essas plantas são chamadas *basílica* e *martyrion*, respectivamente. A forma quadrangular é de origem bíblica, já que foi adotada no templo de Salomão. A forma redonda é de outra vertente cultural, a pagã, surge como igrejas monumentos, construídos em torno de túmulos famosos, daí inclusive o seu nome. As duas formas de foram usadas pelo imperador

Constantino, o primeiro mecenas cristão, na a igreja do santo sepulcro, onde aparecem as duas forma. Ela se tornará uma das construções paradigmáticas para os antigos arquitetos.

A estrutura tripartida que se adapta muito bem com igrejas quadrangulares também não é incompatível às igrejas circulares. Esta estrutura copiada do ovo: casca, clara e gema ou da palmeira: casca, folhas e palmito, embora não seja bíblica, ela vem de outra vertente cultural sagrada, a cultura pagã, ela se adapta muito bem a trindade simbólica. Essa planta traduz mais a idéia de comunhão proposta pelo último Concílio, mas como nada neste mundo é perfeito ela é menos funcional, já que o celebrante inevitavelmente estará dando as costas para uma parte da assembléia. Na igreja circular o mobiliário e o acabamento do piso pode marcar a passagem das três partes em que se deve dividir o templo, já que paredes são impensáveis nesta estrutura. Não tem muito sentido, e é algo discrepante, fazer uma igreja redonda e colocar o altar numa lateral, pois perde a noção principal de símbolo de umbigo do mundo.

### **Correspondência aos três degraus da vida mística**

Essas três divisões da igreja fazem um nítido paralelo com os três estágios da vida mística: via purgativa, via iluminativa e via unitiva. Divisão essa de origem neoplatônica, adotada pelo cristianismo, principalmente através de Pseudo Dionísio o Areopagita. A via purgativa corresponde ao átrio da igreja, pois é ali que se dá o processo de conversão, o abandono do pecado e a purificação. A via iluminativa corresponde a nave da igreja, pois é ali onde os iniciados vão ser alimentados e crescerão na fé. A via unitiva corresponde o presbitério, pois é ali onde se realiza o sacramento mais sublime da igreja a Eucaristia.

### **Os dois movimentos espirituais**

*“a luz divina não cessa jamais de se oferecer aos olhos da inteligência; é a eles que compete alcançá-la, porque ela está aí e sempre divinamente pronta para o dom de si mesma.”*

*Pseudo-Dionísio o Areopagita, pg 215*

Existe também, além do movimento espiritual longitudinal do homem caminhando para Deus outro movimento descendente e transversal de Deus se revelando ao homem. A arquitetura da igreja também deve fazer referência a esse movimento, isso era feito de modo maravilho nas igrejas antigas e medievais, principalmente explorando a luz natural. A luz natural era sinal da luz pura, incriada, a luz tabórica que deve iluminar o fiel. Ela penetrava o templo pelo alto e refletia nos mosaicos de santos da parede para depois iluminar os fiéis.

Note que composição vertical da arquitetura da igreja também pode ser também dividida em três patês: teto, paredes e piso. O teto simboliza Deus e o

céu, é por onde entra a luz. A parede simboliza os santos, o lugar onde a luz é refletida. O piso simboliza o mundo material é o lugar onde os iniciados recebem a iluminação. Infelizmente, o advento da iluminação artificial, fez com que a maioria dos arquitetos ignorasse essa riqueza simbólica, muito presente na arquitetura antiga.

Note também a estrutura cruzada horizontal e vertical na arquitetura, no eixo horizontal temos a analogia com movimento longitudinal da alma expresso nas três vias místicas e no eixo vertical temos o segundo movimento da alma, o movimento transversal expresso no uso da luz.

## **Cada local com sua iconografia apropriada**

Seguindo a trilha traçada por um dos teólogos mais brilhante do século V, já citado, os antigos arquitetos distribuíam a iconografia na igreja de modo que ela desse a idéia dos dois movimentos simbólicos.

Começando pelo movimento longitudinal, as imagens da igreja eram divididas em três grupos, a saber, imagens de purificação, de iluminação e de união, correspondentes as três vias místicas. Cada uma dessas imagens estão associadas a uma das partes da igreja, com as respectivas funções práticas dessas partes. Assim no átrio devemos ter uma iconografia de temática querigmática, de iniciação, de conversão. Na nave devemos ter uma iconografia mistagógica, catequética de iluminação e no presbitério uma iconografia de teofania, de epifania, de glorificação.

O mesmo efeito deve ser buscado no eixo vertical, no teto e na parte mais alta se colocam imagens mais sublimes: as divinas, nas paredes se colocam as imagens dos santos e no piso imagens da natureza. Aqui jamais se deve colocar a cruz, palavras da sagrada escritura ou outros símbolos sagrados, mas somente símbolos mais inferiores, como plantas, animais, estrelas, símbolos geométricos.

## **A iconografia do átrio**

*“mas deixemos aos imperfeitos estes sinais que, como já disse, estão magnificamente pintados nos vestíbulos dos santuários; serão suficientes para nutrir sua contemplação.”*

*Pseudo-Dionísio o Areopagita, pg 224*

O átrio da igreja era lugar dos catecúmenos e dos penitentes, logo lá deveria estar a fonte batismal e os confessionários, ou capela da penitência. As imagens iconográficas ali dispostas devem ter, por causa disso um cunho querigmático explícito. Deve ser imagens que simbolizam a passagem, o novo nascimento, a conversão, para os catecúmenos; e no caso de relapsos a purificação e o retorno.

Os melhores exemplos aqui são, não tanto no nível técnico, mas no temático, a iconografia das catacumbas. Essas imagens, ainda que toscas e destinadas a um cemitério, são muito querigmáticas no sentido de que associam a morte à teologia batismal. São exemplos o Bom Pastor, Daniel na cova dos leões, a arca de Noé, cenas do Êxodo, etc Também servem adequadamente para inspirar a iconografia deste local os textos litúrgicos lidos na Quaresma, em especial os textos do Ciclo de Leituras do Ano “A”.

### **A iconografia da nave**

*Porque não basta renunciar a toda malícia; é preciso ainda manifestar uma inflexível virilidade , resistir intrepidamente e sem descanso a todo relaxamento funesto, jamais cessar de desejar a Verdade de um santo amor, mas tender contínua e constantemente para ela o quanto se pode, procurando sempre se elevar santamente para as mais altas perfeições da Tearquia.*

*Pseudo-Dionísio o Areopagita, pg 217*

Na nave devem estar as imagens de iluminação. Imagens que levam ao crescimento na fé daqueles que no primeiro estágio nasceram do alto. Essas imagens devem ser catequéticas. Aqui devem estar as imagens narrativas do Antigo Testamento, do Novo Testamento e da vida dos Santos. Na nave é o melhor lugar para a imagem do Santo Padroeiro e da imagem de Nossa Senhora. Assim somos exortados e conduzidos pelos seus exemplos a levarmos um modo de vida que nos assegure a felicidade prometida. Ela exprime a comunhão dos santos, que forma a única Igreja de Cristo. Os textos litúrgicos do Tempo Comum e do Santoral podem servir de referência para este local.

### **A iconografia do presbitério**

*“a contemplação atenta e constante dessa Beleza perfumada e secreta lhes permite atingir a exata semelhança do modelo, a perfeita conformidade divina.”*

*Pseudo-Dionísio o Areopagita, pg 242*



*“Nossa salvação, porém, não é possível a não ser por nossa deificação. E deificarmo-nos é nos assemelharmos a Deus e nos unir a ele o quanto pudermos”.*

*Pseudo-Dionísio o Areopagita, pg 205*

Aqui é que se deve tomar o maior cuidado na escolha iconográfica, pois é o lugar para onde todos os olhares se convergirão. Não só na qualidade e na beleza das imagens, mas também na sua coerência teológica. No presbitério deve se expressar a meta última da vivência cristã que é a salvação eterna, a nossa participação na glória divina.

Por questão de precedência hierárquica ali só podem figurar imagem relacionada diretamente a Deus. Mas também não basta qualquer imagem divina, pois no presbitério da igreja devem estar somente as imagens teofânicas, imagens que falem da glória divina. Jesus padecente, como a crucifixão, ou outras imagens narrativas, como milagres de Jesus, suas parábolas, ainda que tenham Jesus como elemento central, ficam melhores na nave. Se quisermos colocar alguma cruz na parede do presbitério deve ser uma cruz gloriosa, com o Cristo Vivo. Uma norma escrita no missal proíbe reprisar imagens e como geralmente já se tem a cruz processional, onde se obriga também a imagem de Jesus, que deve ser um crucifixo e não uma simples cruz, então não se deve, a rigor, colocar outra cruz no presbitério.

O ícone mais adequado é o ícone do Pantocrator entronizado. Ícone que retrata o capítulo 4 do Apocalipse. Muitos pensam que é Jesus quem está ali representado, mas uma leitura deste capítulo do Apocalipse, vem esclarecer, que se trata na verdade do Deus Pai que nos é revelado pela face de Jesus, já que Jesus irá aparecer como Cordeiro Pascal mais adiante.

Se quisermos colocar uma imagem da Virgem Santíssima deve ser uma imagem onde ela é representada como trono divino. A Virgem do Sinal, como Orante tendo o medalhão com o Emanuel no peito, baseada no capítulo 11 de Isaias pode vir atrás do altar, pois é um ícone da encarnação, mas é bom haver, num ponto mais elevado, outro ícone do Pantocrator.

Se quisermos colocar o santo padroeiro será de tamanho menor e de joelhos em atitude de adoração. Isso em se tratando de imagens bidimensionais, como mosaico e pinturas, estátuas de santos são destoantes no presbitério.

Os textos litúrgicos do Tempo Pascal podem servir de base para a composição iconográfica do presbitério.

## **Iconografia complementar**

Junto com os três elementos estruturais básicos da arquitetura de uma igreja temos também inúmeros elementos acessórios, que podem ou não figurar na planta de uma igreja, são essas partes o jardim, via-sacra, cruz de missão, o campanário, a torre, relógio, galo do tempo, a sacristia, a capela do Santíssimo Sacramento, a cripta mortuária, sala de velório, a sala das mães (sala do choro), a secretaria, o bazar, salas de reunião, cozinha, refeitório, alojamentos, etc. Eles

possuem iconografia mais livre, pois não constituem um caminho de iniciação, crescimento e comunhão com os mistérios divinos, mas têm uma tarefa mais prática e funcional, para a maior eficiência da igreja. Com isso não queremos dizer que essas partes não sejam importantes, apenas não dizem respeito a um programa iconográfico obrigatório de uma igreja e assim também não iremos nos preocupar com sua iconografia neste momento.

## **A teologia da luz e a classificação das artes plásticas**

Podemos classificar as artes plásticas, que se manifestam por meio de elementos visuais e táteis, como a linha, a cor e volume, por diversos critérios: pela técnica empregada, pelos materiais usados, pela função, etc., contudo, para quem está interessado em elaborar um programa iconográfico para uma igreja, a classificação mais prática é aquela que toma como base a ação da luz e seus efeitos. Assim poderíamos agrupar as artes plásticas em três grupos: o primeiro grupo trabalha com a passagem da luz, aqui temos por excelência a arte do vitral; no segundo, estão as artes que trabalham com a luz refletida, aqui temos o ícone, o afresco, a encáustica, o mosaico e demais artes planas; por último, temos o grupo de obras que explora o envolvimento espacial da luz no volume, aqui temos todas as obras escultóricas feitas em três dimensões. Concluindo, temos então, nesta leitura, o vitral, o painel e a escultura como três gêneros de artes plásticas. É bom salientar que estamos falando da luz conforme a percepção humana e não tanto do ponto de vista da física óptica.

Estas três expressões plásticas da arte estão presentes, de certa forma, ainda que de maneira negativa, em todos os espaços religiosos, desde um salão improvisado, até a mais sublime catedral gótica. Vejamos uma situação muito comum nas periferias dos grandes centros urbanos, onde um salão é alugado e ali se improvisa uma capela. As janelas são simples aberturas com vidros incolores, as paredes caídas, e o mobiliário uma mesinha com um crucifixo. A luz entra pela janela, se reflete nas paredes e envolve a mesa e o crucifixo. Os três elementos estão presentes, não obstante os efeitos sejam pobres. O exemplo oposto é encontrado numa catedral gótica, ali nada foi economizado para conseguir o efeito no grau máximo da manipulação da luz. As passagens da luz são filtradas por maravilhosos vitrais multicoloridos, a luz se reflete em mosaicos nas paredes e uma farta produção de esculturas completa a exuberância e o esplendor.

É imprecisa a informação de que pintura, vitral e escultura não combinam, e que o arquiteto deveria fazer opção por uma delas. Seria o mesmo que afirmar que instrumentos de corda, instrumentos de sopro e instrumentos de percussão não combinam. Se assim fosse, não haveria orquestra. Nesta analogia, o arquiteto é o uma espécie de maestro do espaço litúrgico. Ele tem pela frente uma tarefa que exige muita sensibilidade, onde ele deve combinar os três gêneros de artes plásticas. Assim como se todos os instrumentos soassem juntos, a pleno, volume o resultado seria catastrófico, é preciso ora usar o vitral, ora a pintura, ora a escultura e ora coisa nenhuma. É preciso hierarquizar, harmonizar, alternar, variar. Quase sempre o menos é melhor do que o supérfluo, as formas geométricas

harmônicas conseguem melhor embelezar do que os adornos e ornatos, o simples é melhor do que o sofisticado. O arquiteto deve conhecer a teologia da luz, meditando as palavras da Sagrada Escritura, onde ela é presença constante e assim contemplar a luz na natureza, já que ela é imagem da luz eterna.

## **Regras básicas para todos projetos iconográficos**

### **1. Tempo correto**

Um projeto iconográfico deve obrigatoriamente ser feito simultaneamente com os outros projetos arquitetônicos. Lamentavelmente isso raramente ocorre, o que costumamos a ver é: primeiro se construir a igreja e depois desesperadamente se tentar embelezá-la com decorações. O resultado é trágico. Igreja não deve ter ornamentação ou decoração, no sentido restrito do termo, mas sim iconografia. Ornamentação está ligada com a idéia de enfeite, isso é coisa para salão de festas profanas. Iconografia é algo essencial, é um sacramental ligado com a liturgia. Aqui vale o provérbio: “antes prevenir, que remediar”. Tentar preencher uma lacuna no projeto é tarefa complicada, às vezes até impossível.

### **2. Doutrina reta**

Um artista ao conceber um projeto iconográfico jamais pode dar vazão a sua imaginação subjetiva e a suas emoções. O II Concílio de Nicéia (787) definiu que somente a técnica pertence ao artista e que o conteúdo pertence à Igreja. A iconografia deve ser um ministério a serviço da Igreja e não ao serviço da autopromoção. Assim todo projeto deve ser submetido não só a aprovação do pároco, mas também à aprovação da Comissão de Arte Sacra da Diocese que dá acessória ao Bispo local, cuja existência é obrigatória por normas da Igreja. Cabe a esta Comissão aprovar ou pedir alterações ao projeto iconográfico. Assim se evitará não só composições iconográficas de baixa qualidade, mas coisas piores, tais como: obras com desvios doutrinários, obras ridículas e obras ofensivas.

### **3. Economia simbólica**

O ideal clássico de beleza: “nada em excesso”, que nos ensina que devemos obter o máximo de efeito com o mínimo de elementos é determinante para uma composição iconográfica resultar em harmônica, equilibrada, integrada e coesa. Alguns profissionais, na ânsia de ganhar um pouco mais, acabam poluindo a igreja com vitrais, esculturas e pinturas desnecessárias.

### **4. Originalidade**

Cuidado se exige aqui, pois o conceito de originalidade para arte sacra cristã não é o mesmo do conceito de originalidade para a arte moderna. Em arte sacra, ser original não tem nada a ver com produzir algo inusitado, algo novo que ainda ninguém teve a idéia de fazer. Ser original em arte sacra é ser capaz de voltar a origem, a fonte. É ser capaz de entrar em sintonia com a moção inspiradora divina. É deixar de beber água em moringa e ir até a vertente. Não vamos nos iludir com modismo, em matéria de iconografia tudo já foi inventado,

ela já tem milhares de ano. Não vamos tentar reinventar a roda. O sábio do Eclesiastes já dizia: “Nada há de novo debaixo do sol”.(Ecl 1,9) O que temos hoje são novos materiais e novas técnicas, mas os temas são os mesmo: “Jesus Cristo é o mesmo ontem e hoje; ele o será para a eternidade!”.(Hb 13,8).

Não queremos, de forma nenhuma, dizer que o projeto iconográfico deve simplesmente copiar as coisas antigas. Isso não é uma boa coisa, pois não temos mais a nossa disposição nem os materiais nem a mão de obra antiga, e o resultado seria uma imitação de qualidade sempre inferior. O que queremos dizer é que devemos fazer como os antigos faziam: usar nossos recursos para fazer novas obras de qualidade.

Para tanto as fontes de inspiração para criatividade do artista sacro não é o seu subjetivismo, mas a Sagrada Escritura, a tradição, tanto escrita como a produção artística material, a vida de oração pessoal e litúrgica do artista e a contemplação da natureza como criação divina.

## 5. Estilo reto

A Igreja Católica Latina, diferentemente da Igreja Ortodoxa Grega, não possui um estilo oficial de arte, mas aceita todos os estilos desde que eles se submetam a sua finalidade, e conservem a dignidade, a reverência e a sublimidade que o tema exige. Ela desaconselha os extremos, tanto o naturalismo como o abstracionismo radical são perigosos. Pois o naturalismo exagerado leva o homem para o sensualismo ao despertar sentimentos mundanos. Ele é incapaz de elevar o homem ao transcendente, o mantendo refém da matéria. Já a arte abstrata exagerada, por ser muito hermética, precisa vir com um manual interpretativo de um crítico e não é acessível ao povo simples.

*Pe. Almir Flávio Scomparim*

*Conferência elaborada para o 7º Encontro Nacional de Arquitetura e de Arte Sacra, em Brasília, de 12 de Agosto a 15 de Agosto de 2009.*